

PERCEPÇÕES DO VÍNCULO AFETIVO EM SALA DE AULA POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

Gabrieli Pedroso Dias (UNISECAL)¹

Natacha dos S. Vitoriano da Silva (UNISECAL)²

Lorena Cavalli (UNISECAL)³

Orientadora Ms. Juliana Sauerbier (UNISECAL)¹

Resumo: Este artigo, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, acerca da junção de dois temas norteadores a contação e a afetividade, fazendo assim, que a discussão que norteia tal pesquisa sejam as percepções do vínculo afetivo em sala de aula por meio da contação de histórias. Além disso, trazer autores que falam sobre o assunto para ter uma base teórica vasta e embasada não apenas em conhecimento prévio, mas científico e abrangente, tratando as vertentes sobre a temática abordada para ampliar o conhecimento e o saber tanto de quem escreveu o presente texto, como os seus futuros leitores.

Palavras-chave: Contação de História. Afetividade. Conhecimento.

PERCEPTIONS OF AFFECTIVE BONDING IN THE CLASSROOM THROUGH STORYTELLING

Abstract: This article is a bibliographic research, about the junction of two guiding themes, telling and affectivity, thus making the discussion that guides such research the perceptions of the affective bond in the classroom through storytelling. In addition, to bring authors who talk about the subject to have a vast theoretical basis, based not only on prior knowledge, but also on scientific and comprehensive ones, dealing with the aspects on the subject addressed to expand the knowledge and knowledge of both those who wrote the present text, but your future readers.

Keywords: Story Telling. Affectivity. Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A contação de história não remete somente a literatura, mas sim abre portas para habilidades da criança ouvir, conhecer novas realidades, trabalha a paciência, e dá oportunidade para que os outros se expressem, encorajando-os para fazerem perguntas e terem opiniões sobre os personagens e o enredo ao final da história.

Alunos que leem pouco, têm menos contato com a literatura, aulas fragmentadas ou inexistência de aula voltada a essa área, metodologias que não correspondem ao contexto atual do ensino de literatura e recursos ineficazes são algumas das

¹ Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia. gabrielidias901@gmail.com

² Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia. nathyvitoriano123@gmail.com

³ Acadêmica do curso de licenciatura em Pedagogia. lorenacavalli1401@gmail.com

⁴ Mestra em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná. juliana.sauerbier@professorsecal.edu.br

inquietações. Certamente há exceções: alunos que leem literatura, aulas criativas e bem estruturadas. Mas, ainda necessitamos de muita reflexão e discussão. (CAVALCANTE, 2019, p. 19)

As interações com as histórias ativam emoções, permitindo estes sentimentos capacitando e solucionando os problemas do cotidiano, buscando sua identidade por meio da culturação. Para Abramovich (1997, p. 16) a criança se forma ao “ouvir muitas, muitas histórias... escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo [...]”.

A mídia está ocupando um grande espaço na vida dos alunos tornando os livros esquecidos nas prateleiras, dificultando que o professor consiga inserir de forma interessante a literatura. Há uma defasagem de certa forma ao ensino fundamental dos anos finais, a contação é colocada como última opção no processo de ensino-aprendizagem.

Para contação são necessários recursos e os objetivos da história mostrando ser engraçada séria ou triste, usar entonação de forma correta que condiz com a arte de narrar exigindo a preparação do educando. Outro fator é a pré-leitura, fazendo perguntas e integrando o aluno na história por meio das curiosidades e do instigar as possibilidades do que será contado.

Lembrando que é de suma importância que o educador selecione os livros que condiz com a faixa etária de sua turma e tenha experiências para contar histórias de qualidade para ampliar o repertório de conhecimento do que exige no momento. O ambiente preparado para as histórias é um dos diferenciais para se ter uma construção do que vai ser tratado, e mais para que o aluno se sinta acolhido deve ser em lugares que não tenham barulhos e nem percam atenção rapidamente.

A metodologia tem que ser lúdica por que quando os alunos chegam nos anos finais perdem o encanto na contação de história, porém o lúdico faz parte no processo e não pode ser deixado como segunda opção. E assim os alunos corroboram ao ver diversos recursos diferentes que deixam a aprendizagem mais divertida e interessante.

A literatura está perdendo seu espaço em sala de aula para o treinamento dos temas e descritores de língua portuguesa do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), servindo como pano de fundo para aprimorar habilidades de leitura. O viés, nas séries finais, torna-se preocupante. (CAVALCANTE, 2019, p. 20)

A escassez no ato de ler corresponde a dinâmicas de sala de aula mecânicas tornando o aluno analfabeto funcional. Os alunos têm a literatura com o último plano na vida acadêmica, os prazeres da leitura não correspondem a vida deles pois as crianças não apreciam a contação de história e nem a literatura.

A leitura, embora ação corriqueira nos dias de hoje, sobretudo nas regiões urbanas, não é natural. Não lemos comemos, respiramos ou dormimos. Para tanto, precisamos aprender o código escrito, socialmente aceito e a ter domínio sobre ele em todas as suas modalidades, quer práticas (como propagandas, receitas, notícias, informações, anotações) quer estéticas (como narrativas e poemas) (AGUIAR, 1996, p.).

Cabe ao professor trazer o prazer da leitura, torná-la algo rotineiro para as crianças, onde se desenvolva o costume, o hábito, que muitas vezes é deixado em segundo plano. Desenvolver atividades que instiguem o aluno a ler e recontar o que leu, para assim trabalhar também a habilidade da oralidade, como já foi dito a contação é um ótimo recurso para estimular a leitura.

O referencial teórico desse artigo, intitulado “Percepções do vínculo afetivo em sala de aula por meio da contação de histórias”, foi organizado em tópicos a serem discutidos para uma melhor compreensão para os leitores da pesquisa, sendo criado assim uma visão e organização mais limpa e de fácil entendimento.

Em um primeiro momento se faz necessário compreender sobre o conceito de afetividade e sobre as fases de desenvolvimento segundo o teórico Henri Wallon que possui em suas escritas importantes discussões sobre a importância de afetar o indivíduo para que possa se desenvolver plenamente.

Na sequência, após esse entendimento mais amplo da temática, será discutido sobre a importância da leitura de mundo para a ampliação de laços afetivos e sua contribuição para o desenvolvimento também cognitivo da criança. Laços esses que são importantes na escola e na família.

Para finalizar, serão trazidas discussões sobre a contação de histórias em sala de aula e sua relação no processo ensino e aprendizagem. Relações essas que dependem da mediação do professor, escolha de histórias, entonação da voz na hora de contá-la, tipos de recursos pedagógicos, preparação do espaço entre outros aspectos importantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 FASES DO DESENVOLVIMENTO E CONCEITO DE AFETIVIDADE SEGUNDO WALLON

É a demonstração de um sentimento, de querer ter cuidado e carinho, que nos mostra a afetividade como estratégia do bem maior, que desta forma é criadora de laços afetivos sem almejar ou desejar algo em troca.

Segundo o autor Wallon (1979), a inteligência se desenvolve após afetividade, por meio dos sentimentos que nos traz a mobilização de afetos, a emoção é um dos mecanismos de vivências para o contínuo processo do agir.

A afetividade tem como objetivo pedagógico dar a direção ao propor atividades, com isso o sucesso efetivo ao compromisso significativo da aprendizagem. A direção deve ser feita ao comprometimento do ato afetivo com os alunos, com as práticas alinhadas, nas emoções que compõe, dentre o especial é dirigido a lacunas que devem ser acompanhadas para melhor desenvolvimento dos ali presentes.

Por anos os professores deixaram as emoções em casa, e o atuar ficou em mecanismos de ensino para centrar apenas no educador e o educando sendo apenas reprodutor de pensamentos, esquecendo assim os benefícios de interação voltada para o afetivo que é uma educação para favorecer a aprendizagem de todos.

Wallon é um grande contribuidor da teoria psicogênica que nos falava que o desenvolvimento com a afetividade se manifesta desde seu nascimento, a prorroga até um ano de vida da criança. Assim, ele acaba identificando a:

...existência de estágios distintos e descontínuos no desenvolvimento humano, que são marcados por rupturas e reformulações. Assim, a passagem de um estágio ao outro não é tranquila; ao contrário, crises e conflitos estão presentes e desempenham papel crucial nas transformações psíquicas da pessoa. Apesar de o desenvolvimento ser descrito até a adolescência, o autor afirma que o mesmo não se esgota nesse momento, pois “a constituição do “eu” é um processo infindável. (WALLON, 2017, p. 4)

O autor refere-se ao entender que os conflitos e as emoções que afloram nos fazem constituir como seres humanos. Que pensam, reagem reformulam muitas vezes o que está acontecendo ou aconteceu pois são os sentimentos que nos fazem ser quem somos a cada ato de agir.

Wallon apresenta cinco estágios que englobam tanto os aspectos afetivos quanto os cognitivos. Galvão (1995, p. 45) afirma que “cada nova fase inverte a orientação da atividade e do interesse da criança: do eu para o mundo, das pessoas para as coisas. Trata-se do princípio da alternância funcional”.

O primeiro estágio está ligado ao impulsivo emocional (0 a 1 ano), referindo-se à relação mais forte com a mãe do bebê, expressando e interagindo com pessoas relacionadas ao seu ambiente.

O segundo estágio vem com etapa sensório-motora e projetiva (1 a 3 anos), a inteligência estará começando a ganhar seu espaço. É o processo em que a criança começa a falar, andar e

manusear objetos e está voltada para o interior da criança, a todo seu conhecimento do ambiente vivido.

Indo para o terceiro estágio que foi nomeado como Personalismo, estamos voltados a uma (3 a 6 anos) observação voltada para imitação do “como vou fazer”, relacionada com estágios passados que compõe a personalidade estabelecida antes para o agora.

Já no quarto estágio Categorical (6 a 11 anos), a criança já estabelece formulações mais ampliadas e significativas de seus relacionamentos definindo suas escolhas e transformando os indivíduos.

O último estágio chamado de Puberdade e Adolescência (11 anos em diante) compõe-se de autoafirmação, que registra da afirmação do outro a cada passo dado, em inserção de grupos que se torna uma das fases mais difíceis pois querem conquistar a aceitação dos mesmos.

Percebe-se, por meio dos estágios descritos, sobre:

A importância da afetividade no desenvolvimento humano, segundo Wallon, baseia-se na afirmação que o ser humano desde o seu nascimento é envolvido pela afetividade e que o afeto desempenha um papel fundamental em seu desenvolvimento e no estabelecimento de boas relações sociais. O movimento é a base do pensamento e das emoções que dão origem a afetividade, sendo ela fundamental na construção do sujeito. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, 2017, p.6)

Afim de mostrar que as realidades inseridas juntamente com as emoções em nosso cotidiano remetem a um papel fundamental, a afetividade faz parte do processo do desenvolvimento humano, fazendo nos termos olhares diferentes e sensações diversas que compõem a nossa personalidade.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DE MUNDO PARA AMPLIAÇÃO DOS LAÇOS AFETIVOS

A interpretação de laços afetivos começa desde o nascimento e contribui assim para diversas áreas cognitivas e uma delas é o ato de ler o mundo de maneira ampla e significativa.

A leitura não é apenas verbal, mas também não-verbal, é possível ler uma obra de arte e também pessoas, entre várias outras possíveis interpretações e leituras. O papel familiar é muito importante nesse sentido nas interpretações não verbais.

Ter essa habilidade é tão importante que também faz parte de documentos que norteiam a educação como a LDB (1996), DCNs (2010) e o **Parâmetro Curricular (1997)**. Com isso,

tornando a dever das instituições de ensino a formação dos educandos para se ter a leitura e interpretação em todos os seus níveis de aprendizagem.

A contação de história começa a ser inserida na vida da criança desde cedo, de forma oral assim quando se é contada pelos familiares da mesma. Segundo Abramovich (2003, p. 5.) “O primeiro contato da criança é feito em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai [...]” com ela pode-se despertar sentidos, emoções, curiosidades, imaginação, entre outros.

Pelas contações a criança pode interpretar algo que acontece no meio em que está inserida. Portanto, o contador deve pensar em tudo que a história irá englobar, se estará dentro do contexto e não qualquer história (contação). Sendo também muito importante se a história acompanha o planejamento do professor, se a partir dela poderá se desenvolver outras atividades e se terá e faz parte do gesto e interesse do público que ouvirá. A linguagem e a maneira em que será contada assim, irá se adequar a quem será atingido por ela.

Eliane Cavalcanti (2008), cita alguns cuidados que o contador deve ter para com a contação que são: saber, entender e memorizar a história; sempre valorizar os temas e partes mais importantes da mesma, utilizar-se da parte motora e de sons como gestos, entonações, pausas, porém sem exageros; dar espaço para que os ouvintes participem e consigam ficar intrigados e curiosos; e que sentimentos passados pela contação sejam visíveis e sentidos.

Com isto deve observar a atenção do público e se o mesmo está concentrado na história, isto varia de acordo com a faixa etária. Assim reconhecendo que fará parte do desenvolvimento da criança. Abramovich (1993, p. 23) afirma, “[...] o ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar. Afinal tudo pode nascer dum texto! ”

Antigamente a contação de história nada mais era do que pessoas contando lendas e histórias populares, na era medieval, haviam doutrinas aos contadores da época e era algo muito respeitado. A prática de contar histórias é uma prática antiga e que ainda vem sendo utilizado nas escolas. Porém esta **prática não está sendo tão aplicada com alunos do ensino fundamental**, por não ser um método avaliativo, já que isso é de grande importância e valia neste processo de aprendizagem.

Mas grandes estudiosos veem a importância de se contar histórias nas escolas, pois estima a leitura, aprendizagem e muitas outras habilidades como a afetividade por exemplo. A contação de história pode ser uma grande ferramenta, para o emocional de uma criança, trabalha com o imaginário, auto estima, já que muitas crianças ainda não entendem bem seus sentimentos e alguns problemas na infância, as histórias ajudam essas crianças a superarem acontecimentos de vida.

A prática de professor neste momento de contar a história é de muita importância, pois o contador tem que se dedicar, inventando vários jeitos e maneiras, criando um espaço para que eles se sintam à vontade, levar às crianças para lugares com contação de história para que assim elas se interessem em querer não só ouvir histórias, mas lerem histórias.

A contação serve como ponte entre as dimensões afetivas, cognitivas e sociais e amplia os significados tornando as pessoas mais humanas, íntegras, cidadãos e solidárias. A prática de contar histórias é considerada social e coletiva, e se materializa através da escuta afetiva e efetiva (Bussato, 2013).

O acesso e a utilização de recursos simbólicos acontecem através dos livros, canções ou filmes, com alguma finalidade. Esses recursos podem ser considerados guias da exploração imaginária.

As interações verbais contribuem para que as crianças conheçam experiências culturais presentes na sociedade as ajudando a se tornarem autônomas em seu dia a dia. Para Zittoun (2007), ler livros ou assistir filmes, são atividades que mexem com elementos culturais que possibilita a utilização de recursos simbólicos, pois tais elementos requerem experiência imaginária. Através da contação, o uso da linguagem e a expansão da imaginação podem ser reforçados. Além disso, as histórias contadas podem ser relacionadas às experiências de vida das crianças.

Diante da relação entre a Educação e a Psicologia, é indispensável a discussão sobre o processo imaginário da criança como fundamental para o seu desenvolvimento. Pino (2006), diz que toda produção humana, material e simbólica é feita a partir de produções imaginárias, assim, a criatividade é antecedido da imaginação, então podemos dizer que a condição humana é feita desde o processo imaginário.

A imaginação é investigada por pesquisadores de diversas áreas teóricas em Psicologia, como a Histórico-Cultural e a Cultural do Desenvolvimento (Zittoun, 2007,2016; Vigotsky, 2004/2009; Cruz, 2011; Silva, 2012). A criança é submergida na cultura rodeada de signos desde pequenos e, para que tenha aprendizado e desenvolvimento, é preciso a mediação a contar dos signos e do Outro (Pino, 2005; Vigotsky, 1984/2007).

Através da experiência cotidiana, a criança desenvolve sua imaginação apoiada pela linguagem. Luria diz que:

[...] é com base na linguagem que se formam complexos processos de regulação das próprias ações do homem, embora, no início, a linguagem seja uma forma de comunicação entre o adulto e a criança e a linguagem vai assim gradualmente se transformando em uma forma de organização da atividade psicológica humana (LURIA, 2006, p. 197).

Vygotsky (1984/2007) e Luria (2006), afirmam que as crianças absorvem a linguagem – um produto do desenvolvimento sócio histórico – e a usam para análise, codificação e generalização de experiências.

Para Vygotsky (2001/2010) as crianças não imaginam mais que adultos, por falta de experiência de vida. Segundo o autor “tudo o que conhecemos do que não houve na nossa experiência nós os conhecemos através da imaginação.” (p.203). Em estudos sobre a imaginação e a atividade criadora, há dois tipos: a da memória, ou reprodutiva, e a criadora, ou combinatória (Vygotsky, 2004/2009). Para Vygotsky, a atividade reprodutiva acontece a partir da repetição, da memória e lembranças. Essa atividade se permite ser modificada e conserva as marcas da modificação, pois se encontra na constituição da plasticidade.

A criança precisa da atividade reprodutiva para efetuar a atividade criadora, pois, ao brincar, não apenas recorda suas experiências, mas as recria. É chamada de atividade criadora a qual se cria algo novo (Vygotsky, 1984/2007;2004/2009).

Para que se tenha criação, a interação com o outro é necessária, e é através da linguagem que aprendemos a usar elementos culturais e os recursos simbólicos (Zittoun, 2016). Desta maneira, pensar na contação de histórias tendo a professora como mediadora e esse ônus que esse ambiente traz ao desenvolvimento dos recursos simbólicos como forma de inteligência para causar a expansão da imaginação é essencial.

2.3 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM SALA DE AULA E O PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

A contação de histórias vai muito além de apenas contar uma história, precisa da utilização de recursos, a escolha da história e pessoa que irá contar esta história. Mesmo sendo algo que pareça simples, alguns elementos neste processo podem fazer toda a diferença, desde a preparação do espaço até a pessoa que irá contar a história, e o material estar de acordo com o que será narrado.

Villard (2005, p.59) destaca a importância dos recursos utilizados para a contação de história, dizendo que “a leitura é o meio mais importante para se chegar ao conhecimento. Não importa a quantidade que lemos o que importa é com que profundidade se chega a esse entendimento. É recomendável ser bastante criativo no uso de recursos materiais”.

A maioria das histórias são contadas partindo do próprio livro, porém é adequado que durante a história deixe um pouco de ler o livro para olhar para as crianças, tendo assim uma conexão com elas.

Quem vai contar uma história tem que conhecer e decorar para dar ênfase em cada personagem, alterando o tom de voz entre eles, envolvendo-se assim com ela, é importante dar abertura para que os ouvintes participem da história, comentando, dando sua opinião, para que assim eles se sintam mais interessados no que está sendo contado.

O local precisa ser pensado muito bem para que não aja distrações dos ouvintes, tendo em conta se for em local aberto ou fechado. Se for em lugares ao ar livre é necessário sempre procurar algum ponto como por exemplo uma pedra ou árvore chamando a atenção das crianças para o contador, se caso for em lugares fechados precisa que seja em um local que não tenham muitos barulhos, ter uma boa iluminação, e não ter fundos que não tenham haver com a história, algo muito importante é posicionar as crianças em um semicírculo, tendo assim um contato mais próximo com elas.

Pode-se trazer outros recursos diversificados, e não só apenas o livro, objetos que podem ser usados são os deboches, os ursos de pelúcia e as fantasias, também podem fazer parte da história tendo assim a atenção das crianças, slides também são um bom recurso que pode ser utilizado para estimular ainda mais as crianças sobre a contação de história e leitura.

A criança pode participar da contação de história sendo um dos personagens para que assim ele fazendo parte se sinta ainda mais estimulado pelo prazer sobre a leitura. A criança pode reproduzir o que acabou de ouvir por meio de um desenho, ou massinha de modelar ou fazer até uma discussão sobre a história.

Tem que saber escolher um bom livro partindo da faixa etária da criança. As crianças mais pequenas de 3 a 5 anos, as histórias são voltadas para contos de fadas, bichinhos, e bebês, porém, precisa ser algo que tenham poucos personagens e falas, pois a criança nesta idade perde muito rápido o interesse em coisas longas.

Já no ensino Fundamental 6 e 7 anos as crianças já gostam de histórias de crianças, animais encantados, aventuras e conto de fadas mais formulado. Já as crianças dos 8 e 9 anos eles já estão alfabetizados então procuram histórias das mitologias e super-heróis, ou algo que seja mais elaborado e não tão fora da realidade.

Cabe ao professor garantir uma experiência diferenciada para os alunos em relação a contação de história e leitura, trazendo suas atualidades, mantendo assim o prazer e o interesse. Tentando sempre inovar as formas de se contar uma história para que não caia na mesmice, pois as crianças estão sempre atentas a tudo. Sendo assim, a criança pegará gosto pela leitura e

sempre no momento da história ela ficara ansiosa para o que virá do professor, e assim levará esses momentos para a vida inteira.

A contação de história é um ótimo recurso que pode ser utilizado pelos educadores que visam ensinar determinado conteúdo de forma a prender tanto a atenção do aluno, quanto despertar sua curiosidade e interesse. Podendo ser um recurso para trabalhar diversas habilidades do educando atuando com a ludicidade e descontração. Para Góes (1997, p. 18) é “privilegiar atividades com histórias e materiais literários tem, por certo, repercussões positivas para a criança. Pesquisas têm indicado que, na infância, as experiências com narrativas, em vários contextos, são instâncias de refinamento da cognição”.

Este recurso que está sendo discutido não precisa ser trabalhado de forma separada das outras disciplinas e conteúdos, mas sim fazendo parte deles. É possível utilizar-se da contação para trabalhar algo que os alunos não compreenderam da forma “tradicional”, assim trabalhando a interdisciplinaridade em sala de aula. Abramovich, (1995, p.17) vem ressaltando tal pensamento:

(...) é através de uma história, que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir, ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo de história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula(...).

Porém como trabalhar utilizando a contação? Quais metodologias posso utilizar para prender a atenção do aluno? Tudo dependerá do professor e sua criatividade (Abramovich, 2003). O professor pode utilizar diversos recursos como fantoches, dedoches, gravuras, desenhos, que podem ser decorados pelos próprios alunos, ursos, elementos que história cita, imaginação das crianças, enfim, tudo pode ser material e recursos para uma contação. Inclusive a voz, é ela que dá toda a harmonia e ritmo para história. Para educadores que são adeptos ao uso apenas da voz, ela é um instrumento excepcional, com a voz podemos demonstrar reações, sentimentos, barulhos que a história vem trazendo. A contação é “[...] o uso simples e harmônico da voz.” Abramovich (2003, p.18),

Quando pensamos em contação, logo nos vem à mente os recursos que serão utilizados para que tal atividade seja desenvolvida, porém antes deste momento é necessária uma preparação, a leitura do conto ou história a ser apresentado, a leitura previa da história faz com que a imaginação comece a florescer, e que a história seja conhecida por quem vai contá-la.

Após este momento é onde percebe-se qual entonação da voz seria interessante de se utilizar, quais recursos além de gestos e sons são necessários, até mesmo a preparação destes. Ainda para Abramovich (1994, p. 20):

Para contar uma história é preciso saber como se faz, afinal podem se descobrir sons e palavras novas, e por isso é importante que se tenha uma metodologia específica. É preciso que quem conte, crie um clima de envolvimento, de encanto, e saiba dar pausas necessárias para que a imaginação da criança possa ir além e construir seu cenário, visualizar seus monstros, criar os seus dragões, adentrar pela sua floresta, vestir a princesa com a roupa que está inventando, pensar na cara do rei... e tantas outras coisas mais.

Ao se preparar para uma contação deve-se observar que os recursos utilizados sejam atrativos aos sentidos que a criança carrega em si, chamar a atenção da criança com já foi discorrido acima faz total diferença para a hora da contação. Os recursos sonoros, visuais, táteis e todos os outros devem ser fáceis de compreender e visualizar. Na hora da contação os materiais que utilizarem deve fazer com que o aluno imagine e vivencie a experiência sem mesmo ter tocado ou ter estado no cenário do contou. Utilizar recursos traz riqueza e beleza aos olhos de quem está sendo o ouvinte participativo.

Os recursos a serem utilizados não tem a necessidade de serem os mais caros e sofisticados, ao contrário, a simplicidade muitas vezes também traz ao leitor experiências inimagináveis, pois faz com que o mesmo utilize sua imaginação e sus sentidos sendo uma forma de trabalhar a ludicidade e criatividade dos educandos.

Outro recurso que pode ser explorado é o leitor como participativo da contação que está sendo ouvida, despertando não só nos participantes o entusiasmo, mas em outros alunos o desejo de ouvir outras histórias e querer participar com “ator”. A contação e os seus recursos devem envolver quem a ouve para que ao mesmo tempo que ouve, se desenvolva habilidades no mesmo.

O lúdico deve ser uma das principais ferramentas na utilização da contação, pois além de trabalhar o imaginário, faz com que a sala de aula se torne um ambiente descontraído e perceptível a diferentes sensações.

Além da confecção de recursos visuais, sonoros, preparação do contador, o que também é necessário é uma adequação ao público que vai ouvir, por exemplo em sala de aula observa-se um interesse em algum tema específico, o professor pode adequar o tema para que ele seja um tema da contação para a turma, trazendo também alguma questão ou conteúdo que precise de uma abordagem de forma não tradicional. Assim, a contação deve ser vista como um método e auxílio para o trabalho em sala, sendo um recurso de vasta utilização e uma técnica de incentivo a leitura e a curiosidade.

2.4 METODOLOGIA

O presente artigo faz parte de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida por nós, acadêmicas de Pedagogia. O tema surgiu da inquietude sobre dois temas norteadores, a afetividade e a contação de histórias, afinal “[...] o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes” Minayo (2009, p. 21). Foi partindo dessas duas discussões que se formou tal pesquisa, pensar na afetividade e como trabalhá-la no ensino fundamental desperta perguntas e reflexões da forma com que poderia trabalhar. Ao lembrar da contação não se pode deixar de pensar, trabalhar e desenvolver diversos sentimentos como afetividade.

Pensando nisso foi que a pesquisa se organizou em etapas e buscas para que fosse enriquecido os conhecimentos prévios sobre a temática abordada, Tal pesquisa é uma pesquisa bibliográfica, onde foram consultados diversos autores como Abramovich (1994), Wallon (1974), entre outros.

A pesquisa bibliográfica faz parte da formação educacional e deve:

...se rotinizar tanto na vida profissional de professores e de pesquisadores, quanto na de estudantes. Essa rotinização se faz necessária pois esse conjunto amplo de indivíduos possui o interesse de conhecer as mais variadas, plurais e distintas contribuições científicas disponíveis sobre um determinado tema. É a pesquisa bibliográfica que oferece o suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final (FONTANA, 2018, p. 66).

Para que tal artigo fosse desenvolvido foram utilizadas diversas pesquisas sobre o tema escolhido para dar o embasamento teórico necessário, pois é necessário que haja a base teórica correta e confiável. Para Flick (2004, p. 20) é “na escolha correta de métodos e teorias oportunos, no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas, nas reflexões dos pesquisadores a respeito de sua pesquisa como parte do processo de produção de conhecimento, e na variedade de abordagens e métodos”.

Para Gil (1999, p. 65) “[...] ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Então pesquisar de forma bibliográfica faz com que se consiga ter uma abordagem mais vasta, podendo ampliar as vertentes do tema a ser abordado.

Após tal momento de pesquisa de autores sobre o tema a ser discutido, foi necessário desenvolver uma seleção para optar quais faziam parte dos assuntos que seriam abordados e quais se encaixavam melhor na parte em que se estava falando do assunto.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, se faz necessário muita leitura e pesquisa, não que se fosse quantitativa não haveria tais ações, porém por se tratar de uma pesquisa feita em sua totalidade de forma teórica há a necessidade de riqueza em autores sobre a temática abordada.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento infantil é ligado pelas interações do seu dia-dia, suas vivências, os feitos, as percepções e o mais importante como olhamos o mundo, em relação a nós mesmos, a qual referência que nos espelhamos e que diz muito sobre quem somos enquanto educadores, educandos e pessoas que colaboram por uma sociedade melhor.

Ao contar histórias o mundo ganha versões diferentes de fatos iguais, ao lermos e contarmos as nossas histórias, muitas vezes, quando a falta do processo do prazer literário somos destinados a olhar somente para nós mesmos, ser real, nos permite muitas coisas mas o imaginário nos faz levantar hipóteses, conhecer culturas, dar identidade a quem perdeu-as por falta de conhecimento ou professores que não souberam apreciar a extensa e rica variedade dos benefícios, aumentando leitores críticos, a melhora da afetividade, e criatividade e o mais importante crianças que saibam expressar-se por meio da oralidade, que falem com mais fundamentos, saindo do que estamos hoje, falas grandes mas vazias de informações.

Com isso, a sala de aula torna-se um campo sagrado do ato de imaginar, configurando-se a importância da contação de história, um ato a repensar e usufruir cada vez mais em nossos planejamentos usando de forma adequada e prazerosa, ler e contar, são processos lúdicos que são a esperança para uma geração leitora.

A pesquisa realizada foi muito importante para a nossa formação, pois é algo que vivenciaremos na prática, e tendo conhecimentos sobre as mais diversas situações a serem encontradas nas escolas e instituições de ensino que formos atuar.

Nós, enquanto profissionais da educação, assim como das demais áreas, não podemos nos contentar em estar com dúvidas, questionamentos e inquietudes e se contentar com respostas ou conhecimentos rasos, devemos nos inquietar e pesquisar, desenvolver trabalhos e projetos como este trazendo para o nosso cotidiano o hábito da pesquisa e escrita de artigos que possam nos ajudar a sanar as dúvidas que possam surgir.

Afinal, falamos aos alunos sobre leituras e escritas, mas se nós como acadêmicas e professoras não cultivarmos o hábito da leitura, pesquisa e escrita como daremos o exemplo para os educandos que passarem por nossas vidas?

A leitura e contação nos acompanha desde o nascimento sendo desenvolvida das mais diversas formas e métodos, sendo um recurso para ampliação de conhecimento, habilidades e desenvolvimento de conhecimentos que muitas vezes são de difícil trabalho.

Este artigo nos desafiou como professoras em formação, e assim como **vemos que** a contação desenvolve auto estima, autoconfiança e ampliação do conhecimento **vemos que** a escrita desta pesquisa bibliográfica também trabalhou em nós estes aspectos, pois ao escrever tais referências conseguimos observar e sentir a felicidade de **concluir** um texto que nos ajudou quanto acadêmicas, e ao mesmo **trabalhou a autoconfiança de saber que conseguimos sanar nossas duvidas, mas ao mesmo tempo desenvolvemos um trabalho/ pesquisa que futuramente pode auxiliar outros profissionais/acadêmicos a esclarecerem suas dúvidas.**

Escrever, ampliou não somente os aspectos já mencionados, mas o nosso vocabulário acadêmico, científico e teórico, colocando em nosso repertório palavras que muitas vezes são desconhecidas. Sendo assim, a pesquisa bibliográfica ampliou nossos conhecimentos, sanou inquietudes que surgiram sobre o tema e contribuiu para a nossa formação, trazendo novos questionamentos que podemos futuramente estar discorrendo em outro artigo.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Aparecida Valentim. **Formação de professor: contação de histórias e mediação de leitura**, 2014. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/enlije/2014/Modalidade_1datahora_27_05_2014_17_16_27_idinscrito_695_f962bfb39d50c6b515bafea4685cc196.pdf. Acesso em 05 de outubro de 2022.

ANAIS – **XI fórum internacional de pedagogia –Fiped. XI fórum internacional de pedagogia – XI Fiped,2019**. Disponível em: <http://ainpgp.net/painel/wp-content/uploads/2021/01/Anais-Artigos-Cient%C3%ADficos-FIPED-Cajazeiras.pdf#page=129>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

BEZERRA, Ricardo José Lima. **Afetividade como condição para a aprendizagem: henri wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção**, 2006. Disponível em: <https://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/625/Afetividade.como.condi%c3%a7%c3%a3o.par.a.a.aprendizagem.Henri.Wallon.e.o.desenvolvimento.cognitivo.da.crian%c3%a7a.a%20partir.da.emo%c3%a7%c3%a3o.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G.S.; SILVA, B. A. **A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação** - Cadernos da FUNCAMP, v.20, n.44, p.1-15/2021

BURIN, Fátima Osmari. **As emoções e a afetividade na aprendizagem segundo Wallon**, 2019. Disponível em: <https://www.impare.com.br/post/as-emo%C3%A7%C3%B5es-e-a-afetividade-na-aprendizagem-segundo-wallon>.

CRUZ, Isadora. **A contação de histórias como prática educativa**, 2018. Disponível em: <https://petpedagogia.ufba.br/contacao-de-historias-como-pratica-educativa>

FACULDADE SANTA RITA – FASAR: **A arte de contar histórias**. Novo Horizonte – 2016 <https://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/1919/1829>

KRUG, Flavia Susana. **A importância da leitura na formação do leitor** - Vol. 10 – Nº 22 - Julho - Dezembro 2015.

Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil Vol. 3. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

SALLA, Fernanda. **O conceito de afetividade de Henri Wallon**, 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em 04 de outubro de 2022.

SANTOS, Marcia Raquel Eleuterio dos. **A contação de história na educação infantil na escola** – João Pessoa: UFPB, 2014.

SCHNEID, Jucelma Terezinha Neves. **A arte de contar histórias e a formação de novos leitores em múltiplos suportes**, 2011. Disponível em: <http://tede.upf.br/jspui/bitstream/tede/935/1/2011JucelmaTerezinhaNevesSchneid.pdf>. Acesso em 06 de outubro de 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. **O afeto que educa: afetividade na aprendizagem**, 2017. Disponível em: <https://www.impare.com.br/post/as-emo%C3%A7%C3%B5es-e-a-afetividade-na-aprendizagem-segundo-wallon>. Acesso em 04 de outubro de 2022.